

A MISSÃO CIVILIZADORA DE SÃO PAULO NO PLURALISMO CULTURAL BRASILEIRO

Luiz Alberto JORGE

I - INTRODUÇÃO

Este trabalho resultou de prolongada reflexão sobre o sentido profundo da participação dos paulistas no processo de aperfeiçoamento dos valores intelectuais de todo o povo brasileiro. São Paulo não se constituiu apenas em grande centro para onde convergem inúmeras pessoas a fim de obter melhores condições de vida, mas, também, num foco de incessante e multiforme atividade cultural que se irradia a todos os quadrantes da Pátria. Realmente não podemos negar à área paulista um relevante papel civilizador que transcende o âmbito regional para atingir dimensões nacionais. Não trataremos aqui de elaborar um verdadeiro panegírico sobre São Paulo, omitindo, intencionalmente, aspectos negativos de seu desenvolvimento (que já chegou até a ser chamado de desumano), mas, sim, de sintetizar diversas observações que nos conduzem à constatação da predominância dos aspectos positivos sobre os negativos.

II - A MISSÃO CIVILIZADORA DE SÃO PAULO NO PLURALISMO CULTURAL BRASILEIRO.

No quadro das relações culturais no Brasil observamos que, no início do século XIX já se delineia, num processo de

transculturacão, a cultura brasileira. O elemento português era básico, sem que deste fato resultassem prejuízos para os demais elementos (de origem indígena e negra), pois todos seriam interculturados; condicionando a formação de valores que podemos denominar brasileiros. Isto aconteceu porque (cf. Manuel Diégues Júnior nos afirma) "o processo da criatividade cultural, dentro do quadro da transculturacão geral, foi o que se verifica predominantemente no Brasil" (In: *Imigração, urbanizacão e industrializacão*, pág. 357).

Esta situacão prolongou-se, durante o século XIX, nos contatos culturais advindos de novas influências européias, no processo de imigração. Foi no contexto das relações das três etnias fundamentais, já citadas, que se fará sentir a presença transformadora (pelo menos parcialmente) do imigrante, desde o século passado. "A esse contexto poder-se-ia chamar monótono, não fossem as variações regionais, decorrentes aqui de predomínio absoluto do português, ali da adaptacão aos valores indígenas, acolá da aceitacão de elementos africanos. Com o imigrante são novas influências que surgem; e com elas se vão espalhando novos valores culturais. Sobretudo no Sul, para onde se dirigem mais acentuadamente as preferências da corrente imigratória. Daí o aparecimento de diferenciações mais sensíveis dentro daquela variedade regional, manifestada no Sul, com o enriquecimento do panorama cultural de elementos oriundos de grupos europeus, mas não portugueses (...) e, mais tarde, dos não europeus, embora europeizados, como os sírios, os libaneses, os japoneses (DIEGUES JR. M. ob. cit., pág.358).

São Paulo, como centro da terceira região cultural brasileira (que se estende até o Rio Grande do Sul; abrangendo, portanto, além de nosso Estado todos os que integram a Região Sul), embora não exerça uma hegemonia sobre as demais unidades da Federação, possui uma missão própria, que se revela, nitidamente, como positiva na consolidacão de uma nacionalidade real.

O progresso paulista não possui apenas aspectos econômicos e políticos, mas é complementado com o seu aspecto cultural. A importância de São Paulo se revela, pois, não só no setor econômico ou demográfico, mas também na sua cultura. Centro de tradiçao

romântica, terra natal de diversos poetas do período imperial e de juristas republicanos, detentor do mais baixo índice de analfabetismo, iniciador do modernismo na literatura, nome de relevo na ciência e nas artes. "Isto quer dizer que o espírito pragmático e ainda menos o espírito plutocrático, apesar de serem males há muito tempo existentes neste centro do dinamismo brasileiro, não conseguiram vencer a natureza das coisas, nem o temperamento paulista no seu cerne. Êsse cerne é o de uma vontade que atinge todos os sentidos da atividade humana e não se contenta apenas com o aspecto exterior dêsse dinamismo já não apregoado" (LIMA, Alceu Amoroso, "A missão de São Paulo", pg.35).

"São Paulo está, por isso mesmo, numa grave encruzilhada. O próprio desenvolvimento espantoso de sua economia pode levá-lo a ser apenas o Estado mais rico da Federação (...) Mas sua missão é de responsabilidade muito maior para si mesmo e para o Brasil. Está em respeitar, para si mesmo, a hierarquia natural de valores e procurar o progresso de seus valores culturais, com maior ardor do que procura o de seus valores materiais. E está em levar esse progresso cultural ao bem de todo o Brasil.

É na educação, principalmente, que esse esforço cultural de São Paulo tem de operar-se, nesta encruzilhada de sua vida política, quando recomeça a sua carreira, não digo interrompida em 1930, mas desde então profundamente perturbada. Só hoje ... é que São Paulo está voltando a si do choque que sofreu em 1930. Mas esse choque foi benéfico para que São Paulo tivesse a experiência daquilo sem o que não há no mundo verdadeira grandeza: o sofrimento. Estou convicto de que São Paulo aproveitou mais, com a lição de 1930 a 1950, do que em tôda a sua vida anterior. E essa lição terá sido sobretudo a da primazia do trabalho e do estudo sobre a riqueza e o orgulho. São Paulo aprendeu, nesses vinte anos, que não são só as civilizações que podem perecer, como dizia Valery depois da guerra de 1914, mas que são também, e, principalmente, as plutocracias e as oligarquias políticas que são frágeis como névoas matutinas. E que só o trabalho e o estudo constroem solidamente para o tempo, como só a Fé constrói para a eternidade" (LIMA, Alceu Amoroso, ob. cit., págs. 35/36).

Se analisarmos apenas a literatura, na evolução da sociedade paulista, encontraremos dados que nos servirão do apoio para constatar a predominância dos aspectos positivos sobre os negativos, graças à influência humanística de sua cultura, na vida não só dos paulistas, mas dos brasileiros de um modo geral.

Conceituando-se literatura como obra coletiva, "na medida em que requer uma certa comunhão de meios expressivos (a palavra, a imagem), e mobiliza afinidades profundas que congregam os homens de um lugar de um momento, para chegar a uma 'comunicação' "(CÂNDIDO, Antônio, "Literatura e sociedade", pág. 139), podemos considerar que a mesma só passará a existir em São Paulo, após a Independência e, principalmente depois da fundação de sua famosa Faculdade de Direito, na terceira década do século XIX (em 1827).

Destacamos, a seguir, alguns trechos do Capítulo VII (A literatura na evolução de uma comunidade) da obra de Antônio Cândido, já citada:

Colocando em relevo a reunião de homens, valores e idéias ao redor da Revista da Sociedade Filomática, de notável importância no pré-romantismo brasileiro (segundo o Prof. José Aderaldo Castelo), Antônio Cândido afirma:

"... Num estudo sugestivo, A. Almeida Júnior define com acerto e precisão o verdadeiro caráter da Academia de São Paulo - menos uma escola de juristas do que um ambiente, um meio plasmador da mentalidade das nossas elites do século passado. Bastante deficiente do ponto de vista didático e científico, foi não obstante o ponto de encontro de quantos se interessavam pelas coisas do espírito e da vida pública, vinculando-os numa solidariedade de grupo, fornecendo-lhes elementos para elaborar a sua visão do país, dos homens e do pensamento ("O Convívio acadêmico e a formação da nacionalidade brasileira", in Revista da Faculdade de Direito, vol. XLVII, pp. 271-292, S.Paulo, 1952).

"Interessa-nos aqui, justamente, apontar algumas manifestações desse espírito de grupo na literatura; mostrar como a convivência acadêmica propiciou em S. Paulo a formação de agru-

pamentos, caracterizados por idéias estéticas, manifestações literárias e atitudes, dando lugar a expressões originais.

A Sociedade Filomática, fundada em 1833, reuniu alunos e jovens professores, entre os quais Francisco Bernardino Ribeiro, Justiniano José da Rocha, Francisco Pinheiro Guimarães, Antônio Augusto Queiroga, José Salomé Queiroga, nenhum dos quais nascido em São Paulo (eram cariocas os três primeiros, mineiros os dois últimos). Publicaram seis números de uma revista, esboçaram uma atitude bastante ambivalente de reforma anticlássica, promoveram reuniões e representações - agitaram, numa palavra, a pequena cidade de então, estabelecendo nela a literatura como atividade permanente, por meio do seu corpo estudantil. Quando mais não fosse, este feito bastaria para consagrá-los, a despeito da pobreza quantitativa e qualitativa da sua produção. Há mais, todavia: desse agrupamento de amigos, tomados pelo entusiasmo da construção literária (que foi no Brasil a mola patriótica do Romantismo, a sua motivação consciente), surgiria, como breve fogacho, uma intuição poética que iria iluminar a posterior evolução das letras em São Paulo e abrir caminho para uma das suas mais típicas manifestações. O caso foi que em 1837 falecia Francisco Bernardino, aos 23 anos, já Lente da Faculdade, guia da Filomática, grande esperança do tempo. O moço jurista protegia e orientava nos estudos um conterrâneo, Firmino Rodrigues Silva, já no fim do curso, e que podemos considerar rebento, primeiro produto do mencionado grupo literário. A amizade entre ambos era grande, e o mais moço nutria pelo mentor uma exaltada admiração. Morto este, a dor inspirou-lhe alguns belos poemas (quase os únicos que fez), entre os quais, e sobretudo, a famosa Nênia.

Nela, o sentimento de amizade se exprimia de um modo já próximo às tonalidades românticas. Ao lamento se incorpora uma figura simbólica de índia - alegoria do Rio de Janeiro - que formula, pela primeira vez no Brasil, certos torneios indianistas, como seriam desenvolvidos na obra de Gonçalves Dias:

Tupá, Tupá, oh numen de meus pais!

Álvares de Azevedo, José de Alencar, Paulo do Vale, Sílvio Romero, Paranapiacaba - todos consideravam-na o início da

'escola brasileira'. Nela se entronca o indianismo inicial, em São Paulo, que em seguida recebeu o influxo decisivo e dominador de Gonçalves Dias. Em 1844, três anos antes dos Primeiros cantos, temos aqui 'Cântico do Tupi', 'Imprecação do Índio', 'Prisioneiro Índio', do futuro Barão de Paranapiacaba (natural de Santos), prefigurando o tom gonçalvino. Poetas menores da Faculdade de Direito ligaram-se à mesma tradição, como Antônio Lopes de Oliveira Araújo, autor do belo 'Gemido do Índio'(1850).

Quando a obra do maranhense dominou o meio literário, dando a impressão de que, afinal havia poesia brasileira, o terreno já estava preparado em S. Paulo, graças a Firmino. Também o ambiente criado pela Filomática não se dissolveria mais, e, extremamente receptivo, iria ficando daí por diante cada vez mais denso, - associações sucedendo a associações, revistas a revistas, até criar aquela saturação rompida pelo advento das correntes parnasianas e naturalistas" (CÂNDIDO, Antônio, ob. cit., págs. 147/148/149).

Ainda no século XIX podemos constatar o grande estímulo que os estudantes de São Paulo recebiam, no exercício de sua atividade intelectual: seus próprios colegas formavam o público permanente, cuja apreciação colocaria em destaque regional e, às vezes nacional as obras a ele apresentadas.

A crítica, a sistematização de conceitos impressionistas, aliadas aos esforços de interpretação das obras caracterizavam profundamente as atividades estudantis. Poetas e prosadores eram colocados, lado a lado, em revistas e jornais; juntamente com apolo-gistas e censores. Dentre os literatos em evidência, Antônio Cândido ressaltava Álvares de Azevedo e Antônio Joaquim de Macedo Soares.

"... Estas considerações nada significam, todavia se não lhes juntarmos uma última, a saber, que o Romantismo facilitou a constituição autárquica do corpo acadêmico, fornecendo-lhe uma ideologia adequada, pelas três vias em que se manifestou aqui: nacionalismo indianista, sentimentalismo ultra-romântico, satanismo. O primeiro, menos que os outros; o terceiro, mais do que todos... Foi, contudo, o satanismo que constituiu a manifestação

mais típica dessa singularidade do poeta-estudante nos meados do século, fornecendo uma ideologia de revolta espiritual, de negação dos valores comuns, de desenfreado egotismo. Foi ele o ingrediente principal das lendas joviais e turvas que envolvem a vida acadêmica de São Paulo numa atmosfera de desvario. A melancolia, o humor negro, o sarcasmo, o gosto da morte, traçam à roda do grupo estudantil um círculo de isolamento que acentua, para o observador, o seu caráter de exceção na sociedade ambiente. É a típica tonalidade paulistana, difundida por todo o país, contibuição original desta cidade ao romantismo brasileiro, ligada à pessoa e a obra de Álvares de Azevedo - principalmente o *Macário* e *A noite na taverna*...

Aureliano Lessa, Bernardo Guimarães e ele encarnam este momento de nossa literatura - sólida trinca de amigos que fascinou muitas gerações de acadêmicos-literatos... Com esta corrente, o grupo da Academia atingiu o ponto mais alto da diferenciação e forjou a sua expressão mais característica. Não era possível ir mais longe sem a ruptura total com a sociedade ambiente. E de fato não foi. As 'exagerações' da sua poesia não cessam, de ser apontadas nos jornaizinhos, e o grupo acadêmico, apesar do fascínio exercido pela lembrança do satanismo, irá pouco a pouco descobrindo conexões que possibilitem a sua integração na comunidade. Varela, que veio pouco depois refazer na vida, e um pouco na poesia, o caminho da famosa tríade, já não passaria de um continuador. Castro Alves dará o sinal da mudança deslocando os rapazes, da sua autarquia para a vasta comunhão dos problemas sociais. E o grupo, crescido como floração estranha no flanco da pequena cidade, integrar-se-á lentamente na vida da grande cidade que desponta" (CÂNDIDO, Antônio, ob. cit., págs. 154, 156/157).

No período de 1890 a 1910 a cidade de São Paulo já apresenta profundas transformações. A diferenciação social é muito maior, não só horizontalmente, com o surgimento de vários grupos, como verticalmente, com a superposição de diversas camadas populacionais, de modo distinto, alterando-se, assim, os padrões de comportamento. A tradicional Faculdade de Direito embora continue a ser importante, coloca-se na posição de "um segmento inte-

grado ao lado de outros". A literatura já é absorvida pela comunidade, outrora impenetrável a ela. A primeira associação de escritores já se delineia, aqui, em data um pouco anterior a 1890 e a própria atividade literária passa a ser exercida por elementos de diversos grupos sociais, tornando-se um instrumento favorecedor da ascensão social. É natural que as práticas literárias dessa época se firmassem em São Paulo, denotando um certo aristocracismo intelectual e entre os poetas modernos mais admirados se destaquem: Guilherme de Almeida e Menotti del Picchia.

O Movimento Modernista, desenvolvido em São Paulo, teve suas expressões mais típicas de 1922 a 1935. "Foi uma profunda renovação literária, estreitamente ligada à constituição de um agrupamento criador, como era o dos estudantes românticos; não mais justaposto à comunidade, todavia, mas formado a partir dela, oriundo da sua própria dinâmica, diferenciando-se de dentro para fora - por assim dizer. No plano funcional diríamos que corresponde à necessidade de reajustar a expressão literária às novas aspirações intelectuais e às solicitações da mudança artística em todo o Ocidente. No plano da estrutura, diríamos que foi um esforço - em parte vitorioso - para substituir a uma expressão nitidamente de classe (como a dos anos 1890-1920) uma outra, cuja fonte inspiradora e cujos limites de ação fossem a sociedade total"(CÂNDIDO, Antônio, ob. cit., pág. 160).

O que se pretendia em 1922, efetivamente, era a liquidação de um sistema de literatura solidamente formado, que, entretanto, não existia em São Paulo durante o Romantismo. Estabeleceu-se, conseqüentemente, uma porfia com os agrupamentos representantes do sistema oficial ("jornais, salões, academias, correntes de opinião"). Foi uma verdadeira competição pela liderança intelectual em São Paulo.

"... O admirável 'Tupi or not Tupi', do Manifesto Antropófago de Oswald de Andrade - mestre incomparável das fórmulas lapidares - resume todo este processo, de decididas incorporação da riqueza profunda do povo, da herança total do país, na estilização erudita da literatura. Sob este ponto de vista, as intuições da Antropofagia, a ele devidas, representam o momento mais denso da

dialética modernista, em contraposição ao superficial 'dinamismo cósmico' de Graça Aranha.

Outro traço, que reforça a semelhança geral do Romantismo com o Modernismo, é a atitude de negação, que lá foi satanismo e aqui troça, piada... o Modernismo é o movimento mais alegre e jovial da nossa literatura, - manifestado no próprio comportamento dos seus protagonistas, na sua furiosa ânsia de diversão. A alegria foi dogma ('O claro riso dos modernos') equivalente à tristeza romântica, e por isso mesmo, não raro artificial, como esta. Ambas foram norma e expressão de grupo, a que se conformavam os seus membros respectivos. *Macunaíma*, de Mário de Andrade, a maior obra do movimento, reflete bem esta condição; mas termina num quebranto de melancolia, que revela as correntes profundas da atitude modernista.

E agora, terminando, lembremos a analogia derradeira: como o Romantismo, o Modernismo é, de todas as nossas correntes literárias, a que adquiriu tonalidades especificamente paulistanas. Se em São Paulo não tivesse havido os escritores que houve no período clássico, no Naturalismo, no Parnasianismo e no Simbolismo, a literatura brasileira teria perdido um ou outro bom escritor, mas nada de irremediável. Se tal acontecesse no Romantismo e no Modernismo, o Brasil ficaria mutilado de algumas das suas mais altas realizações artísticas, como são a tonalidade noturna do *Macário* e a explosão rabelaisiana de *Macunaíma*, com tudo o que se organizou de fecundo em volta dessas obras culminantes. Dois momentos pauslistanos, portanto; dois momentos em que a cidade se projeta sobre o país, e procura dar estilo as aspirações do país todo:

Dançamos unidos no Carnaval das gentes,

Bloco pachola do Custa mais vai.

(Mário de Andrade)

"... A princípio uma cidade em que não há condições para a vida organizada da inteligência, mas onde há alguns indivíduos animados do desejo de exprimir os valores locais. É o primeiro e vago esboço de uma literatura paulistana, definida pelo encontro de

poucos intelectuais com os valores tradicionais da comunidade, já socialmente amadurecidos, mas ainda não simbólica e intelectualmente elaborados”.

Decênios mais tarde, vemos desenvolver-se um agrupamento que permite a atividade literária permanente. Ele pertence à cidade está demograficamente integrado nela, mas lhe é espiritualmente alheio. Não possui forças para elaborar uma expressão original, mas dá lugar a certas tendências que floresceriam mais tarde.

Em seguida, encontramos o corpo estudantino já estruturado, e solidamente justaposto à cidade. A sua duração, a evolução das formas de sociabilidade, que lhe são próprias, deram lugar a uma atmosfera espiritual altamente condutora, que o segrega da comunidade. Os aspectos satânicos do Romantismo se casam admiravelmente a estas condições, e surge pela primeira vez uma literatura de tonalidade paulistana - expressão de um grupo que é corpo estranho na pequena cidade.

Mas esta cresce, e a moda romântica passa. O aumento de densidade demográfica e social abre novas possibilidades de ajuste dos moços, e deste modo rompem a sua sociabilidade hermética. As novas tendências literárias acentuam o caráter comunicativo da palavra, surgem escritores que não dependem da Faculdade. A literatura e os escritores se integram na comunidade. Como a sociedade é de classes, constitui-se uma literatura convencional (e, acrescentaríamos, de limitada amplitude)... Ora, nestas condições, a literatura passa de tal modo a ser um elemento da ordem social que não sente nela a vibração e a receptividade em face das novas sugestões da vida, em constante fluxo. Daí um novo movimento, para lhe dar amplitude ainda maior, fundando-a, não no gosto e no interesse de um limitado setor da sociedade, mas na vida profunda de toda esta, na sua totalidade”(CÂNDIDO, Antônio, ob. cit., págs. 164/165/166/167).

A emersão do Modernismo nesse contexto (de um processo que começou na segunda metade do século XVIII) nos revela um significativo período em que São Paulo doa algo de si para o desen-

volvimento cultural de nossa Pátria (representando o fecho de breve visão sobre as relações entre a literatura e a sociedade paulistana).

Conforme asseverou Antônio Cândido (in ob. cit., pág. 167):

“Um grupo virtual bruxuleando na cidade indiferente; um grupo ordenado, estabelecendo a tradição literária; um grupo ordenado e vivo, criando uma expressão à margem da cidade; a cidade absorvendo este grupo e chamando a si a atividade literária, que se ordena pelos padrões eruditos da burguesia culta; da cidade surgindo um grupo que rompe esta dependência de classe e, quebrando as barreiras acadêmicas, faz da literatura um bem de todos. Há uma história da literatura que se projeta na cidade de S. Paulo: e há uma história da cidade de S. Paulo que se projeta na literatura (o grifo é nosso)”.

Segundo Domício Proença Filho “o Modernismo se torna um dos mais fecundos e soberbos movimentos literários do Ocidente; com sua espantosa riqueza, superior talvez a todos os demais estilos de época na variedade de expressão; por isso mesmo movimento discutido, controvertido, difícil, que ainda hoje divide opiniões” (*Estilos de Época na Literatura*, pág. 278).

III - CONCLUSÃO

Podemos concluir que é o progresso cultural de São Paulo, alicerçado em suas bases morais e religiosas, o fundamento de seu progresso político e econômico. O desenvolvimento dos paulistas, no setor das ciências, letras e artes, nos faz confiar no futuro não só de nosso Estado, mas no de todo o Brasil. A evolução cultural de São Paulo nos faz considerá-lo como uma fonte irradiadora de bens materiais e culturais para as demais regiões do país; afastando-nos de uma vivência excessiva e negativamente regionalista e relacionando-nos sempre com a Nação Brasileira, numa visão integradora e humanizadora de seu próprio desenvolvimento. O hu-

manismo brasileiro é, com efeito, a inspiração do evoluir cultural de São Paulo, permitindo, graças aos grandes recursos materiais e humanos aqui existentes, a formação de uma cultura mais sistematicamente estruturada.

“Essa missão cultural de São Paulo, por conseguinte, se baseia, ao mesmo tempo, no seu dever de encaminhar tudo no sentido do futuro, como é sua missão profunda, mas ainda no temperamento do seu povo. O homem paulista não é o improvisador. É, pelo contrário, o homem das longas preparações, dos planos bem amadurecidos, das coisas organizadas com cuidado e antecedência... Ora, a cultura, se não é isso, exige pelo menos que isso preceda a sua ação de sedimentação e de penetração do âmago da personalidade, se é exato que cultura é sobretudo aquilo que esquecemos do que aprendemos, mas que ficou incorporado ao nosso subconsciente e aos nossos hábitos, que formam a nossa autêntica e profunda personalidade. São Paulo tem de preparar os instrumentos básicos dessa cultura brasileira, desde a organização de uma educação profissional extensa e modelar como base de trabalho nacional, até uma aparelhagem científica e literária fundamental, em bibliotecas, laboratórios, centros de pesquisas, institutos especializados com todos os requisitos a que se destinam, como base da cultura desinteressada superior” (LIMA, Alceu Amoroso, ob. cit., págs. 37/38).

São Paulo se constitui num exemplo incontestável de um fato significativo: o de podermos apresentar diversidades culturais numa área mais ampla - a da chamada cultura brasileira. Embora recebendo elementos de nacionalidade portuguesa, italiana, espanhola, etc., que contribuem para a transformação de sua paisagem urbana, São Paulo não se desvinculou da cultura brasileira considerada em seu caráter global.

A “cultura brasileira plural” é constituída pela base portuguesa e pelas mudanças decorrentes dos contatos interculturais verificados, desde o século XIX, com novos grupos trazidos pela imigração. O brasileiro, com sua tradição, lusa-indígena e negra, convive com diversos grupos de imigrantes, numa fusão e absorção de valores culturais, que não prejudicam a conservação dos chamados valores fundamentais ou básicos.

“... Daí não se encontrar um choque sensível dos grupos imigrados com a estrutura luso-brasileira tradicional que eles aqui encontraram no século XIX. Ao contrário: um sistema quase natural e espontâneo de aceitação ou de aproximação foi o que se verificou. O imigrante, de um lado, aceitou certos elementos que, naquele momento, se mostravam indispensáveis à sua sobrevivência; e, de outro lado, começou a transmitir traços culturais que se constataavam possíveis de aceitação pelo brasileiro, embora nem sempre de modo rápido ou fácil. Mas sobretudo, o primeiro caso foi o que se tornou mais sensível; e isto porque havia necessidade de uma adaptação ao meio, aceitando o que era possível dele obter, sem prejuízo da conservação de outros valores, de fundo ou caráter mais estável ou básico para o imigrante. Esta estrutura luso-brasileira, então, aceitou as influências recebidas, absorveu-as, reinterpretando-as e dando-lhes forma nova; e o fez com aquela simpatia e solidariedade humana já tradicionais em sua formação. Porque recebidas do antepassado lusitano” (DIEGUES JR, M., ob. cit., pág. 372).

A grandiosa tradição cultural de São Paulo deve orientá-lo, perenemente, para que não se esqueça de que é o progresso de sua cultura que deve nortear o seu progresso material, para benefício de todo o Brasil.

IV - BIBLIOGRAFIA BÁSICA (INTRODUTORIA À PESQUISA):

- “O convívio acadêmico e a formação da nacionalidade brasileira”,
in Revista da Faculdade de Direito, vol. XLVII, pp. 271-292;
M. Nascimento Fonseca Galvão e L. R. Peres Moreno, “Parecer”,
in: Revista do Ensaio Filosófico Paulistano, 7ª série, nº 2, p.
19;
- Proença Filho, Domício, “Estilos de Época na Literatura”, Rio de Janeiro, SP. Ed. Liceu, 1969, 355 págs.;
- LIMA, Alceu Amoroso, A missão de São Paulo, Rio de Janeiro, Lavraria Agir - Editora, 1962, 42 págs.;

CÂNDIDO, Antônio, *Literatura e Sociedade*, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1972;

Documentos interessantes para servir à história e costumes de São Paulo: vol. XXX, 1899, p. 37,

vol. LVII, 1937, p. 255/256;

vol. LVI, 1937, pág. 69;

DIEGUES JR, Manuel, "Pluralismo étnico e cultural", in *Imigração, urbanização e industrialização*, Rio Janeiro, CBPE-MEC-INEP, 1964, pgs. 356 a 372.